

Corpos apartados, afetos em co(a)lização: o inventário homoerótico e os espólios da perversão em *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu

Frederico de Lima Silva¹

Hermano de França Rodrigues²

Resumo

Conquanto as relações homoafetivas constituam uma expressão legítima do sexo e da sexualidade, que acompanham o itinerário humano desde tempos imemoriais, consignando um laço comum em algumas das civilizações basílicas do mundo ocidental, é notório o arcabouço conceitual regulatório e preconceituoso que, amiúde, deturpa a plasticidade do sexual, de modo que a diferença se transforma em horror e desprezo. Nota-se que grande parte da sociedade hodierna, ainda predominantemente imbuída de um olhar castiço sobre o contato com o outro, concebe os vínculos homoafetivos como ameaça ao bem-estar, à moral e, portanto, às suas próprias configurações normatizadoras, cujos efeitos, em muitos casos, são extremamente corrosivos às subjetividades, as quais se deterioram frente à violência física e/ou psicológica. Como a literatura encerra, em seus flancos, a dinâmica das organizações "civilizatórias", é comum observarmos, em seus enquadres, os conflitos que amalgamam a cultura. Face a essas constatações, o presente trabalho empreende um esforço reflexivo, à luz da teoria psicanalítica e da psicologia profunda, acerca das configurações da inquietude e da segregação que se irrompem no conto *Aqueles dois*, do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, como forma de demonstrar a permanência, em nossa sociedade, de práticas discursivas excludentes, que, calçadas na crença de uma heteronormatividade compulsória, marginalizam tudo aquilo que foge ao cânone sexual, e impõe aos indivíduos que ousam amar à margem (e além dela), máculas de naturezas distintas, seja no tocante ao cerceamento de direitos ou na degeneração da alteridade e do desejo.

Palavras-chave: Literatura; Homossexualidades; Psicanálise; Caio Fernando Abreu

Data de submissão: julho. 2023 – Data de aceite: abril. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i2.15024>

¹ Doutorando em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, com bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq). Assessor Editorial da Revista LiteralMENTE. <https://orcid.org/0000-0002-0603-7635> E-mail: fredlimaf2@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Literatura do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL-UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq). Editor-chefe da Revista LiteralMENTE. <https://orcid.org/0000-0003-1249-2543> E-mail: hermanorgs@gmail.com

Introdução

Caio Fernando Abreu³ foi um dos mais notáveis escritores da literatura brasileira nas três últimas décadas do século XX. Dono de uma escrita singularmente intimista, constituiu-se, assim como Clarice Lispector, membro de uma geração de escritores urbanos que fizeram das suas literaturas um registro fotográfico das vicissitudes, dos dilemas e da fragmentação psicológica dos sujeitos contemporâneos. CFA ousou ao falar de temas como o amor, o medo, a morte, a solidão e a homossexualidade em um dos períodos mais sombrios da nossa história: a ditadura militar; cenário de repressão de conteúdos que “violassem o bem-estar social”, no qual a sociedade vivia sob a égide do AI-5⁴, no qual CFA foi perseguido pelos veículos de repressão do Estado, como o DOPS⁵, sendo obrigado a buscar abrigo fora de casa, no sítio da também escritora Hilda Hilst, sua amiga íntima, e, posteriormente, a deixar o país (Bizello, 2005, p. 2).

CFA desenvolveu narrativas que, diferentemente do que pregava o senso comum da época, colocavam a homossexualidade fora da visão de imoralidade, desvio ou manifestação da degradação humana, representando-a como uma de tantas configurações do amor entre os sujeitos, como o próprio autor deixou claro em uma carta ao jornal *O Estado de São Paulo*, ao mencionar que “a homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade — voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade” (Abreu, 2006, p. 59).

Mesmo sendo premiado inúmeras vezes pela qualidade de sua obra e conseguir algum reconhecimento em vida, CFA sofreu não apenas com o preconceito comum com o qual a maioria absoluta dos homossexuais sofreram e continuam sofrendo, mas com muitos dos estigmas geralmente atrelados àqueles que têm a audácia de amar contra a corrente, como, por exemplo, a associação da homossexualidade com o surgimento e a disseminação da AIDS, doença que, inclusive, abreviou a vida do escritor gaúcho e se fez presente em sua escrita, fato que o estabeleceu como um dos primeiros escritores brasileiros a situarem a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida no escopo literário, algo patente em textos como o conto *Linda, uma história horrível*, presente na coletânea *Os dragões não conhecem o paraíso*, em que o autor metaforiza os sintomas decorrentes da AIDS na descrição das manchas que surgem na casa da mãe; uma clara alusão ao Sarcoma

³ Tendo em consideração a elevada menção ao nome do autor neste trabalho, optamos por nos referir ao mesmo apenas com o uso das iniciais CFA.

⁴ Ato Institucional nº 5 foi um decreto baixado no ano de 1968, que visava, entre outras coisas, dar poder de exceção aos governantes para que pudessem punir severamente todos aqueles que fossem considerados subversivos e/ou agissem contra o regime.

⁵ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão de polícia política que foi muito utilizado durante as ditaduras de Getúlio Vargas e a Militar, servindo como mecanismo de repressão contra indivíduos que violassem ou ameaçassem a ordem política e social. Historicamente conhecido por realizar ações de combate e perseguição a lideranças de movimentos sociais.

de Kaposi⁶, um tipo de câncer maligno, comumente associado aos portadores de HIV, que é caracterizado pelo surgimento de manchas pelo corpo.

Assim como ocorreu com CFA, os homossexuais ainda sofrem com o preconceito atrelado aos estigmas comuns de uma sociedade pouco empática e ainda muito atrelada a uma visão de mundo que comportava apenas uma direção para os afetos, para os encontros e desencontros humanos. Na atualidade, apesar dos esforços constantes com vista a garantir o *direito de ser* não apenas dos homossexuais, mas de todos aqueles que fogem à padronagem sexual, a intolerância permanece em vigor, como uma marca do mal-estar que a presença do “diferente” sucinta na cena cotidiana. Mesmo diante desse cenário, CFA fez da sua obra não um veículo de exposição e validação das relações homoafetivas, mas de reflexão sobre como tanto as relações heterossexuais, como as homossexuais caracterizavam direcionamentos afetivos válidos, demonstrando, seja por meio dos seus personagens héteros ou homossexuais, que a sexualidade humana não comporta uma fixação objetal natural, e sim uma plasticidade conduzida por um objeto de desejo.

Diante do exposto, nossa investigação objetiva demonstrar como as relações homossexuais ainda são permeadas por um olhar preconceituoso e estigmatizante na sociedade contemporânea, a qual põe os afetos que não se encaixam no binarismo sexual como sendo de uma ordem menor, desqualificante e imoral. Para tanto, elegemos o conto *Aqueles Dois*, que compõe a coletânea *Morangos Mofados*, publicado por CFA em 1982, como *corpus* de nossa análise. O conto é protagonizado por dois colegas de trabalho, os quais nutrem, entre si, uma relação afetiva que incomoda profundamente os demais funcionários da firma em que trabalham. Como subsídio teórico, utilizaremos postulados psicanalíticos e historiográficos, de modo a circunscrever tanto os aspectos inerentes ao mal-estar coletivo ante à plasticidade sexual humana, como aqueles de espectro anímico, relacionados à construção da subjetividade de cada indivíduo e as múltiplas vias para o seu desejo e sexualidade.

1 Homossexualidade, história e cultura: um breve panorama

Apesar de representar um dos inúmeros componentes/vias da sexualidade humana, fazendo parte da conjuntura de formação dos laços humanos desde os momentos mais pretéritos de nossa história, a homossexualidade, sobretudo a união homossexual, ainda constitui um tabu em nossa contemporaneidade. Mesmo que os avanços recentes, como a Resolução Nº 175, do Conselho Nacional de Justiça, que discorre sobre a obrigação dos cartórios brasileiros de celebrar e registrar casamentos de pessoas do mesmo sexo,

⁶ Ao discorrer sobre o Sarcoma de Kaposi, Ohe *et al.* (2010, p. 378) afirma tratar-se de um “tumor endotelial multicêntrico, de baixo grau de malignidade, considerado raro até o início da epidemia de aids. A partir de 1981, sua incidência aumentou consideravelmente, principalmente em pacientes homens que fazem sexo com homens (SK epidêmico associado ao HIV)”.

tenham representado um motivo de celebração para a comunidade homossexual, ainda há muito a lamentar e mais ainda a buscar.

O Brasil é um dos poucos países do mundo em que existe esta prerrogativa legal. Em contrapartida, segundo dados da Associação Internacional de Gays, Lésbicas Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), de 2019, cerca de sessenta e oito países ainda consideram crimes os relacionamentos homoafetivos, dois quais, muitos atribuem penas de prisão perpétua e até de morte, como é o caso, por exemplo, da Arábia Saudita, o Irã, o Paquistão e o Sudão. Essa repulsa às homossexualidades constitui uma marca do itinerário humano, mesmo que as relações entre pessoas do mesmo sexo estejam presentes e, de certa forma, representem um aspecto comum no percurso civilizatório em algumas das sociedades mais intelectual e socialmente desenvolvidas da Antiguidade.

Embora muitos estudiosos remetam-se, de imediato, às sociedades grega e romana no que diz respeito à exemplificação da homossexualidade masculina como componente social em certos âmbitos, a crônica dessas relações acompanha o homem desde muito antes. Se as evidências das relações homossexuais não se encontram de forma abundante em nossa historiografia, isso se deve a uma série de fatores particulares de cada cultura, como é o caso, por exemplo, da egípcia. Brancaglion Junior (2011), ao argumentar sobre a dificuldade no achamento de registros sobre as homossexualidades por parte dos egiptólogos, elenca alguns dos aspectos que estão atrelados a esse óbice. Segundo o pesquisador, são fatores obstrutivos ao aparecimento de assentamentos históricos:

[...] a escassez de documentação para determinados meios sociais. Como as evidências materiais e textuais são mais numerosas para as elites, também as referências sobre o homossexualismo estão todas ligadas a pessoas de status elevado, enquanto que para os menos favorecidos as informações são inexistentes [...]; a proximidade com as culturas grega e romana, em termos relativos, já que os egípcios são mais antigos e não tão próximos culturalmente, causa certa “contaminação” interpretativa. Por último, a própria definição de homossexualidade ou homoerotismo. Como os egípcios não tinham uma palavra que definisse com precisão as relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, somos obrigados a usar um termo moderno, provocando uma interferência de nossos valores e interpretações, muitas vezes conflitantes (Brancaglion Junior, 2011, p. 70).

Algumas civilizações da Antiguidade, no entanto, encaravam as relações sexuais entre homens como um processo de amadurecimento, de desenvolvimento do sujeito, como foi o caso da helênica. Vrissimtzis (2002, p. 101-102) salienta o fato de que a relação entre homens jovens e adultos fazia parte do contexto educacional da sociedade ateniense, em que esse vínculo constituía parte do processo de aprendizagem, de transferência de conhecimentos entre os professores (homens mais experientes) e seus alunos (jovens aprendizes)⁷. Essa relação, estabelecida apenas entre os homens, era chamada de

⁷ Essa relação, denominada de pederastia, construía um componente importante no estabelecimento da *Paidéia*, a educação do

*pederastia*⁸, termo que tem origem na junção das expressões *país* (“criança”) e *erân* (“amar”). A esse respeito, Dover (2007), em seu *A homossexualidade na Grécia Antiga*, cita, por exemplo, o caso de Sócrates, um dos mais influentes, quiçá o mais importante filósofo da história humana, o qual era comungante das relações homossexuais e, inclusive, atribuiu ao coito anal à capacidade de elevar as inspirações intelectuais do homem, tendo o coito heterossexual, segundo a sua visão, apenas a função reprodutiva.

Se buscarmos exemplos na mitologia, lugar no qual é possível encontrar registros das regulações e visões do homem ao longo da sua história, encontraremos inúmeras amostras de como a homossexualidade masculina encontrou terreno fértil no cenário clássico. Os deuses, seres cujas ações serviam como reguladoras para as condutas humanas, também possuíam sentimentos amorosos para os mortais, os quais, quase sempre, desencadeavam mortes trágicas, como foi o caso, a título de exemplificação, da relação entre o deus Apolo e o jovem Jacinto. Segundo Bulfinch (2002), a paixão do deus pelo jovem era tanta, que “acompanhava-o em suas atividades físicas, carregava as redes quando este ia pescar, conduzia os cães quando ele ia caçar, seguia-o em suas excursões nas montanhas, e por causa dele negligenciava a sua lira e suas flechas” (p. 83). “Todavia, como a paixão dos deuses pelos homens era, quase sempre, de uma dimensão trágica, os jovens que despertavam tais paixões acabavam por ter um destino funesto” (Autor, 2017, p. 49), algo que ocorreu com o príncipe tebano, cuja beleza despertou o ciúme de outra divindade, o deus Zéfiro, que, sabendo que não podia possuir o jovem, acaba por influenciar a sua morte.

Todavia, é preciso ressaltar o fato de que essas relações, exclusivas aos homens nas culturas clássicas, não possuíam *status* de liberdade sexual, tendo em vista que as disposições homossexuais fora do contexto pederasta constituíam um desvio de finalidade. Vecchiatti (2008), no *Manual da Homoafetividade*, discorre acerca da distinção entre as formas de manifestação homossexual nas civilizações grega e romana, afirmando que enquanto na Grécia Antiga a relação entre dois homens funcionava como uma espécie de vínculo educativo entre um homem antes de adquirir a idade do casamento e um garoto mais jovem, porém, ambos livres; em Roma, o relacionamento entre dois homens só era visto com certa normalidade se configurado apenas na condição de satisfação física entre um cidadão adulto livre e seu jovem escravo.

No escopo da Idade Média, regido quase que exclusivamente pelo ideário ortodoxo do cristianismo, as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo passaram a ser

homem grego, e cuja relação pode ser evidenciada em textos como o íclito manuscrito platônico *O Banquete*.

⁸ Relação homossexual básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o erastes (amante), por um jovem a quem chamavam *eromenos* (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado *paiderastia* (amor a meninos), ou, como pode ser melhor compreendido, homoerotismo, e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do erastes ao *eromenos* (Sutil, 2011, p. 2).

nomeadas como *inversão* e combatidas em todas as suas conformações, isso porque a sexualidade passou a ser vista como uma dimensão do pecado humano, portanto, tudo aquilo que fugisse às prescrições bíblicas e institucionais da Igreja Romana deveria ser condenado espiritual, social e fisicamente. A visão restritiva do clero preconizava que o único amor suscetível de verdade era aquele estabelecido entre o ser humano e Deus. Desse ponto de vista, nem a relação sexual heteronormativa estava fora do olhar ordenador da Igreja, a qual prescrevia que o coito não deveria servir ao prazer da carne, mas unicamente à procriação, como aponta Regina Navaro (2013), ao afirmar que:

Os cristãos dissociaram o amor, separando-o do sexo, sendo o primeiro assunto de Deus e o segundo do Diabo. O amor na Idade Média deveria ser unicamente dirigido a Deus, fora isso o amor nunca era empregado. Amar significava entregar-se a Deus com a alma piedosa e o corpo imaculado (Lins, 2013, p. 177).

Apesar de todo o rígido imperativo religioso estabelecido no medievo, sabe-se, através dos inúmeros registros do período, que isso não conseguiu restringir a sexualidade aos moldes preconizados. Fenômenos não procriativos ocorriam livremente, em especial nas regiões interioranas dos países, a exemplo da infidelidade, da prostituição e das relações homossexuais; esta última, inclusive, muito comum no próprio seio da Igreja, haja vista que mosteiros e conventos eram normalmente tidos como destinos para filhos e filhas de nobres que apresentavam quaisquer desvios sexuais. Devido a isso, o Vaticano promulgou diversos decretos na tentativa de minimizar as especulações em torno das práticas homossexuais dentro do clero. Ao discorrer sobre o assunto, Naphy (2006) sublinha que:

O I Concílio de Latrão, em 1123, deu início às tentativas de controlar os costumes sexuais. O Papa Leão IX foi um defensor entusiástico do celibato eclesiástico e liderou a campanha para estender o voto de castidade do regular, monges e freiras, ao clero secular, padres. O seu esforço culminou com o decreto I Concílio de Latrão que anulava os casamentos de 4 “Há vultosos relatos no sentido de que, mesmo quando os meninos eram levados para padres ermitões e deixados numa caverna com um recluso pio, acabavam seduzidos pelos próprios monges, sequiosos por sexo. Existem inúmeros escritos da época que descrevem sobre os toques e as carícias que ocorriam debaixo dos cobertores, e de como os frades e monges haviam desenvolvido artimanhas na arte sexual para não serem descobertos” (SPENCER, 1999, p. 120). padres. Já o III Concílio de Latrão, em 1179, proibiu especificamente *aquela fornicção contra a natureza*. Qualquer padre apanhado no ato homossexual seria excomungado (Naphy, 2006, p. 97, grifo do autor).

Outro fato interessante desse período se deu já na Baixa Idade Média, quando os navegadores se depararam com o fato de que os povos nativos das terras recém-achadas tinham a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo como uma prática cultural. Ao analisar registros deixados por colonizadores, Eskridge (1993, p. 1454), comenta que

existia um rito em algumas comunidades pré-colombianas em que "os pais [davam] um garoto ao seu jovem filho para que ele o possuísse como uma mulher e para usá-lo como uma mulher", o que demarca ainda mais como a disposição homossexual, além de inerente ao substrato civilizatório, estava presente em sociedades onde a noção de sexualidade não estava eivada da perspectiva depreciativa imposta nas "sociedades desenvolvidas".

No crepúsculo da Idade Média e limiar da Modernidade, observa-se, mesmo que não totalmente, mas de forma acentuada, um declínio da influência da Igreja sobre a dinâmica social, isto é, Deus e/ou os seus automeados representantes perdem o monopólio da regulamentação do comportamento humano, o qual passa a ser operado pelas ciências humanas e médicas. No que diz respeito à homossexualidade, o que antes era concebido e punido como heresia, uma afronta direta a Deus, agora passa a ser veementemente repudiado e penalizado sobre o pretexto de constituir atentado à moral, à decência. Mais especificamente na passagem do século XIX para o XX, o que ficou conhecido como inversão passa a receber o nome de homossexualidade, como resultado desse novo discurso médico-científico, o qual ficou circunscrito pelo esforço em relação à tipificação e criação de métodos que visavam operar um processo de "normalização" dos sujeitos que estavam, segundo o entendimento da época, sob a influência de fenômenos sexuais desviantes, interpretados agora como patologias mentais. Nesse horizonte, um nome tornou-se emblema, trata-se do psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, que publicou, em 1886, a obra *Psychopathia Sexualis*, um tratado descritivo dos tipos sexuais considerados patologias degenerativas das funções mentais. Na célebre obra, o psiquiatra nomeia e classifica cerca de 238 casos clínicos, dentro os quais podemos observar quadros indicados como homossexualismo, lesbianismo, androginia, travestismo etc.⁹

Tautócrono a esse cenário, o advento da psicanálise por Sigmund Freud, na passagem dos séculos XIX para o XX, representou um marco para o entendimento não apenas da homossexualidade, mas para todo o discernimento da sexualidade humana, até então restrita à dicotomia heteronormativa. Não se pode omitir que o neurologista utilizou parte da terminologia médica daquele período em suas obras, como foi o caso do uso do termo inversão nos seus escritos iniciais, referindo-se à homossexualidade como um exemplo de perversão, o que trouxe certa contradição e ambiguidade no entendimento de sua obra, mas a mudança de perspectiva oportunizada não apenas pela sua clínica da mente, mas também pela promoção de ações que visavam uma mudança nas regulamentações discriminatórias da época, as quais ainda levavam sujeitos a julgamento simplesmente por serem homossexuais, tornaram-se notórias e são utilizadas até hoje como importantes exemplos do entendimento da homossexualidade como uma

⁹ Cito as nomenclaturas utilizadas por Krafft-Ebing, no entanto, saliento que tais termos foram, em sua maioria, substituídos por outros, cujas terminações em "ismo" foram alteradas para "idade", de modo a evitar a associação desses fenômenos com patologias.

manifestação possível da sexualidade humana, como é o caso da resposta de Freud à carta, datada de 19 de abril de 1935, que lhe foi enviada por uma mãe norte-americana, a qual se encontrava angustiada ao perceber no filho traços de uma possível homossexualidade. A resposta dada por Freud já na década final de sua vida, e mesmo após decorridos 87 anos, permanece com a mesma potência de quando foi escrita. Cito-a na íntegra:

“Minha querida Senhora,

Lendo a sua carta, deduzo que seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação que acerca dele me enviou. Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas que a homossexualidade não representa uma vantagem, no entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certo desajuste (resultado de uma certa interrupção) no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e Atualidade foram homossexuais, e dentre eles, alguns dos personagens de maior destaque na história como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se esta fosse um delito. Caso não acredite na minha palavra, sugiro-lhe a leitura dos livros de Havelock Ellis.

Ao me perguntar se eu posso lhe oferecer a minha ajuda, imagino que isso seja uma tentativa de indagar acerca da minha posição em relação à abolição da homossexualidade, visando substituí-la por uma heterossexualidade normal. A minha resposta é que, em termos gerais, nada parecido podemos prometer. Em certos casos conseguimos desenvolver rudimentos das tendências heterossexuais presentes em todo homossexual, embora na maioria dos casos não seja possível. A questão fundamenta-se, principalmente, na qualidade e idade do sujeito, sem possibilidade de determinar o resultado do tratamento.

A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos e inibição em relação à sua vida social a análise poderá lhe proporcionar tranquilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de continuar sendo homossexual ou de mudar sua condição. **Sigmund Freud**” (Jones, 1979, p. 739).

A carta acima, bem como outros atos em prol da liberdade de expressão homossexual, assinala duas questões importantes, que merecem uma breve explanação. A primeira diz respeito ao fato de que há um mal-entendido que ainda reverbera em torno da inclusão da homossexualidade como fenômeno perverso em sua teoria. A perversão, a partir de Freud (1905 e 1915), situa-se não mais no âmbito da patologia, e sim no destino das pulsões, ou seja, as sexualidades que desviam do enquadre biológico não são vistas como uma precarização das funções biológicas e mentais, e sim como uma direção factível das pulsões. Ao incluir a homossexualidade como fenômeno perverso, Freud entende que ela situa o fato de que a sexualidade humana é, por excelência, perversa, não possuindo um destino marcadamente biológico, já que toda pulsão é, em essência, parcial. Essa constatação pode ser claramente evidenciada já nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde se localiza uma passagem em que o autor destaca o fato de que nas

relações homossexuais há uma escolha do objeto, que desvia da normativa biológica, mas que não se enquadra na perversão enquanto estrutura, e sim mediante o desvio do objeto sexual:

A investigação psicanalítica se opõe decididamente à tentativa de separar os homossexuais das outras pessoas, como um grupo especial de seres humanos. Estudando outras excitações sexuais além daquelas manifestadas abertamente, ela sabe que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente [...]. Para a psicanálise, isto sim, a escolha objetual independente do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como se observa na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem como invertido. Na concepção da psicanálise, portanto, também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação, não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química (Freud, 1905 [2016], p. 34-35).

Essa posição freudiana foi cancelada em *Um Estudo Autobiográfico*, onde o psicanalista, em um nítido esforço de tentar reparar a ambiguidade acerca da posição da homossexualidade em sua obra, afirmou que “a homossexualidade dificilmente merece o nome de perversão” (1925 [2011] p. 119). Fica evidente que há um esforço de Freud com vista a demonstrar como a ótica psicanalítica concebe a homossexualidade não apartada, mas como componente da diversidade de destinos próprios da nossa sexualidade, tornando manifesto que não há uma divisão do homem em dois ou mais sexos, como, por exemplo, o paralelo hétero x homossexual, e sim disposições, manifestações de sua pulsão sexual. Não há, na dimensão anímica, uma categoria *sui generis* que aponte os rumos de nossas pulsões, algo que só existe na esfera preconceituosa e não isonômica do encontro e da formulação dos laços humanos.

Não obstante, é importante ressaltar que, dispar do esforço empreendido por Freud e do movimento psicanalítico nas primeiras décadas do século XX, as ciências médicas e a psicologia ainda se mantiveram alinhadas ao ideário psicopatológico sobre as homossexualidades até as décadas de 70 e 80. Como atesta Guimarães (2022, p. 30), no estudo intitulado *Diversidade sexual e direito homoafetivo*, a Associação Americana de Psicologia só deixou de considerar a homossexualidade uma doença em 1975. Em se tratando do Brasil, essa decisão foi tomada ainda mais tardiamente, uma década depois, em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina resolveu aderir ao mesmo entendimento.

2 O itinerário dos afetos em co(a)lização

“História de Aparente Mediocridade e Repressão”, diz o subtítulo de *Aqueles Dois*, último conto a integrar a coletânea *Morangos Mofados*, cuja primeira publicação foi realizada em 1982. O enredo, que é narrado em terceira pessoa, está dividido em seis

partes, sendo a primeira uma espécie de preâmbulo, onde o narrador, sem antecipar todos os fatos e o desfecho, cita os nomes de Raul e Saul, dois jovens adultos (“Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um menos”), os quais acabaram de passar no mesmo concurso para trabalhar em uma firma, pontuando o que provavelmente considera o elemento mais importante dessa diegese escrita pelo CFA, o encontro de almas, bem como a dificuldade inicial em dar nome ao laço que se forma a partir de então:

Não chegaram a usar palavras como “especial”, “diferente” ou qualquer coisa assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece, porém, que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, sem mesmo para tentar entendê-las. [...] Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalos de uma hora para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) chamaria, meses depois, exatamente de “um deserto de alma”, para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los – ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Tão lentamente que mal perceberam (Abreu, 2009, p. 132-133).

Na segunda parte, são dadas características mais particulares de ambos os protagonistas. A cidade em que a narrativa se dá não é nomeada, o que nos parece ser uma escolha intencional de CFA, de modo a permitir que, não a situando geograficamente, aquele possa ser qualquer lugar. Embora seja dito que Raul vinha do Norte e que Saul vinha do Sul, o que o narrado indica como algo que, por si só, não os tornava diferentes dos demais funcionários do local, a não ser pelo fato de que todos os outros, naquele “deserto de almas”, tinham referenciais: “[...] uma mulher, um tio, uma mãe, uma amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade – de certa forma, também em nenhuma outra –, a não ser a si próprios. Diria também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro” (Abreu, 2009, p. 133).

Nesse ponto, CFA salienta a simplicidade e a solidude que compõe a vida de ambos os protagonistas, apontando para o fato de que nenhum nem outro dispunham de muitos pertences, a não ser pequenos objetos que, simbolicamente, ao mesmo tempo em que sublinhavam suas características particulares, também acentuavam o tom do vazio afetivo em que suas almas se encontravam, como podemos observar na seguinte passagem: “Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado de Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh” (Abreu, 2009, p. 134). Simples em tudo, sobressaía neles a beleza individual de cada um, que era percebida e despertava o interesse, sem distinção de estado civil, de todas as mulheres da repartição. Todavia, era no fortuito encontro nos corredores e cafezinhos do trabalho, que o especial de um dava ao especial do outro mais cor: “Sem terem exatamente consciência disso,

quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulava o bonito de fora do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia” (Abreu, 2009, p. 134).

Ao adentrarmos na terceira parte da narrativa, vemos o aprofundamento da relação entre e os colegas de firma, os quais, na (sobre)vivência em meio àquele “deserto de alma”, na troca sutil de palavras e preocupações com atrasos na chegada ao expediente, passam da mera obrigatoriedade burocrática do coleguismo institucional à intimidade dos que preenchem algo na vida alheia que nem mesmo eles se dão conta em um primeiro momento. Com o passar dos dias, porém, torna-se inevitável a percepção do bem que proporcionavam e a necessidade que possuíam em relação ao outro, isto é, um dos elementos mais emblemáticos da narrativa ficcional de CFA, a urgência do amor/de amar:

Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro no quarto de pensão, que o sábado e o domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido (Abreu, 2009, p. 135).

Essa necessidade mútua, que nasce tímida e impassível de ser manifesta em palavras, aos poucos, ganha contornos que são assinalados pelo fato de que, na ausência de um, o outro toma a situação não mais como uma eventualidade, e sim como uma tortura; os fins de semana, outrora passados a duras custas, tornam-se insuportáveis, ao ponto de trocarem números, a se visitarem nos sábados e domingos, serem mais do que colegas de escritório. Aqui, já na quarta parte do conto, CFA introduz no laço afetivo de Raul e Saul a recíproca convicção de que havia neles mais do que a já instituída fraternidade. Esse momento é importante porque, embora ainda não tivessem manifesto em palavras os sentimentos que sentiam, marca a cisão no olhar daqueles que, no metafórico “deserto de almas”, observavam com a aridez de suas vistas, brotar algo incompatível com aquele solo. Observemos o trecho em que o narrador indica a mudança no modo com os colegas de firma enxergam a relação entre os dois:

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem as duas ou três piadas enigmáticas. Quando faltavam dez para as seis saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda (Abreu, 2009, p. 137).

Essa passagem da fraternidade entre dois homens, companheiros de trabalho, para uma relação de intimidade, como que companheiros de vida, é encarada, a princípio, de

forma dissimulada pelos outros funcionários do escritório, mas de um modo que já descortina como a sociedade, cuja firma é a representante maior no conto, determina a determina, ou tenta determinar, os limites para a manifestação afetiva, tratando com aversão a possibilidade de estabelecimento de uma relação de desejo mútuo entre dois homens.

Retomando Freud (1921 [1976]), podemos indicar essa repulsa dos funcionários a essa contingência afetiva como um vestígio patente do que o psicanalista austríaco nomeou como *narcisismo das pequenas diferenças*, um fenômeno que compreende o sentimento de um inquietante estranhamento frente a algo que burla a ordem do consenso narcísico. Nas palavras do autor:

Nas antipatias e aversões [...], podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los (Freud, 1921 [1976], p. 129).

Em seu esquema narrativo, a obra não oferece a certeza de uma relação sexual consumada entre Raul e Saul, bastando a homoafetividade, que se configura para além do sexo, para fazer eclodir o preconceito daqueles que não aceitam aquilo que caminha fora do constructo heteronormativo. Como argumenta Freud, o ser humano tende a permitir um contato minimamente sadio em meio à massa dos que compartilham de características em comum, restando a sua hostilidade aos que se encontram à margem da multidão:

[...] toda essa intolerância desaparece, temporariamente ou de maneira duradoura, por meio da formação da massa e dentro da massa. Enquanto perdura a formação de massa, ou até onde se estende, os indivíduos se conduzem como se fossem homogêneos, suportam a especificidade do outro, igualam-se a ele e não sentem repulsa por ele (Freud, 1921 [1976], p. 129-130).

Como "os vínculos de uma sociedade são principalmente constituídos pelas identificações entre seus membros uns com os outros" (Freud, 1930 [1974], p. 138), é comum, no que tange ao preconceito, presenciarmos no corpo social a formação e ascensão de grupos/ideologias que, pautados em ideais higienistas e genocidas, buscam a eliminação daquilo/daqueles que atentam contra o seu narcisismo.

Ao passo que adentramos no penúltimo segmento do conto, nos deparamos com um aprofundamento ainda mais acentuado do laço entre os protagonistas, de modo que, em seus respectivos aniversários, diante do pouco que possuíam, presentearam um ao outro com aquilo que, para cada um, havia de mais valioso: "Porque achava seu amigo muito solitário *ou por outra razão*, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não

tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh” (Abreu, 2009, p. 138 grifo nosso). Notemos como a disposição homoafetiva que se desenvolve entre os personagens, similarmente como ocorre no vínculo heteroafetivo, estabelece-se, a princípio, na ordem de um acordo inconsciente, resultado, como discorre Puget e Berenstein (1993, p. 21), “de um tipo de combinação entre aqueles aspectos compartilháveis, partindo de cada um dos espaços mentais dos sujeitos, e resultam do desdobramento da tendência de unificar seus funcionamentos mentais e vinculares”.

Mais adiante, a narrativa centra-se no falecimento da mãe de Raul, o qual teve que se ausentar da repartição por uma semana, deixando Saul, que já compartilhava todos os dias com o amigo, totalmente desorientado por não o ter por perto, de modo que “vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentra-se nos despachos, processos, protocolos” (Abreu, 2009, p. 138). A angústia decorrente da breve separação era tanta, que, entregando à bebedeira, sonhou que “caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando estranho, ele é que deveria estar de luto” (Abreu, 2009, p. 138). Saul não entendia o porquê de o sonho mostrar os outros funcionários da firme enlutados em vez de Raul. A esse respeito, acreditamos que CFA suscitou ao instante onírico tanto uma angústia em relação ao sentimento homoafetivo que se estabelece e se fortifica entre eles, como uma ainda semiconsciente percepção do personagem no que diz respeito aos olhares e a postura dos seus colegas de trabalho, além, é claro, carga premonitória acerca do desfecho da narrativa.

O desejo homoerótico entre os personagens, até então difuso para eles mesmos, torna-se incontestável no regresso de Raul, que liga para a repartição e pede que Saul venha visitá-lo. Diante da necessidade da presença do outro que ambos possuíam, ainda mais manifesta pela certeza de que, embora estivesse, naquele momento, ainda mais sós no mundo, tinham um ao outro como ponto de ancoragem. Incapazes de negarem esse laço, quando estavam se despedindo, sem a premência de quaisquer palavras que antecipasse, tocaram-se, ao mesmo tempo sutil e profundamente:

Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou aquilo que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender (Abreu, 2009, p. 138).

Ante à constatação da ânsia do desejo e da reciprocidade afetiva, simbolizada,

sobretudo, pela referência aos perfumes dos personagens, como uma mistura tanto de corpos como do querer, passaram às palavras, porque não havia mais como negar o sentimento, o qual, naquela altura, exigia poder dizer de si. E, falando, evidenciou-se como demandavam trazer à tona o desejo mútuo, de modo que, como salienta CFA, pequenas palavras não davam conta de descrever o que sentiam:

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes — ninguém, mundo, sempre — e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e choro e álcool (Abreu, 2009, p. 138-139).

No sexto e último trecho do conto, vemos uma intensificação da intimidade entre os personagens, que deixavam transparecer que não estavam mais inibidos por qualquer receio pessoal ou constrangidos em relação ao que sentiam, de modo que, em um 31 de dezembro que passaram juntos, após recusarem os inúmeros convites de festas dos colegas de repartição, despiram-se definitivamente, tanto simbólica quanto literalmente, um para o outro, numa passagem em que CFA, primoroso em suas metáforas, trás a imagem do cigarro aceso como uma representação de um acender do desejo/figurativo de excitação e, ao mesmo tempo, das ereções decorrentes dela. Conta-nos o narrador que, após festejarem a noite toda na quitinete de Raul:

[...] Saul disse que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados (Abreu, 2009, p. 139).

Concomitantemente, a narrativa passa a focar no efeito que a relação entre os protagonistas provocou entre os/as colegas de trabalho, os quais evidenciam não apenas um estranhamento típico daqueles que desconfiam de algo que não podem provar, mas os efeitos claros da ojeriza típica daqueles que encontram na felicidade alheia um local para manifestação de suas próprias infelicidades, traduzidas em sintomas hostis travestidos de moralidade, cujas consequências na trama são equivalentes àquelas que podemos enxergar no cotidiano da nossa sociedade, que, fundamentada numa ética da hipocrisia frente ao desejo, comum às comunidades alinhadas a convicções conservadoras, impõe àqueles que ousam expressar sua sexualidade de forma dissemelhante a penosa ação do que podemos chamar de homofobia estrutural.

Pouco antes de entrarem de férias, a qual já haviam planejado passar juntos, Raul e Saul foram chamados à sala do chefe da repartição, que foi direto ao assunto, afirmando ter recebido “algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como ‘relação anormal e ostensiva’, ‘desavergonhada aberração’,

‘comportamento doentio’, ‘psicologia deformada’, sempre assinadas por *Um Atento Guardião da Moral*” (Abreu, 2009, p. 140 grifo nosso). Apoiando-se nas supostas cartas e na desculpa de proteger a reputação, bem como a moral dos funcionários, diz friamente “os senhores estão demitidos” (Abreu, 2009, p. 140).

Ao mesmo tempo atônitos e resilientes diante da demissão, Raul e Saul recolhem os pertences que guardavam nas suas respectivas mesas. Talvez não estivessem tão tristes quanto o cenário daquele lugar após a saída deles. Nas últimas linhas do conto, num remate digno da crítica refinada de CFA, lemos que algum dos funcionários solta um “Ai-ai!” de uma das janelas do prédio, o qual não é ouvido por Raul e Saul, que aguardam um táxi já do lado de fora do prédio, algo que, do nosso ponto de vista, exprime uma forma do escritor dizer que nada mais daquele lugar os afetaria, pois agora, livres daquele tribunal social, poderiam, quem sabe, viver a sua relação plenamente, deixando para trás a repartição e seus funcionários, que até conseguiram tirar dali aquilo que os afetava visualmente, porém, o que havia de ruim dentro de cada um não os permitiria qualquer contentamento efetivo, afinal, além de não conseguirem separar *aqueles dois*, que agora tinham a chance de serem felizes, aquelas pessoas só restava, como bem assinala CFA “a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram” (Abreu, 2009, p. 140), naquele *deserto de almas*.

Considerações Finais

Aqueles dois é uma narrativa que ilustra, sobremaneira, como as relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo ainda causam efeitos nocivos no laço social, resultado de manifestações de ódio a tudo aquilo que foge ao quadro dos vínculos permitidos dentro de uma diminuta forma de pensar a sexualidade, que se utiliza de falsas premissas de cunho moralista para respaldar tanto discursos de ódio, como aqueles expressos na fala do chefe da repartição, os quais representavam o pensamento coletivo daquele local, como a segregação profissional, que foi efetivada na conclusão do conto.

Naquele “deserto de almas também desertas”, como descreve o autor, a possibilidade de que algo “diferente” nasça e frutifique constitui uma possibilidade que ameaça o “itinerário dos afetos permitidos”, logo, mesmo embasados em meras suposições e julgamentos prévios, seus habitantes empreendem um movimento em prol da extirpação daquilo que ajuizavam haver entre Saul e Raul, aquelas almas não desertas que se encontraram em meio àquele ambiente de extrema aridez, mesmo eles não expressando qualquer comportamento, na repartição, que validasse tamanho perigo e, conseqüentemente, a tratativa para expulsá-los, cenário paradoxal que, tal como pontua, Benatti (2013, p. 288), institui a ação trágica, a qual “leva ao conflito de Saul e Raul com

o que o cerca, no caso seus colegas e ambiente de trabalho”.

Não obstante, Caio Fernando Abreu conseguiu fazer do conto em análise um perfeito espelho de uma das muitas relações homoafetivas possíveis, já que, deixando em aberto o fato de os dois protagonistas terem transado, o autor nos permite observar que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo estão para além da mera consumação carnal. Esse detalhe corrobora perfeitamente com a visão crítica de CFA, que não acreditava em classificações do tipo “heterossexualidade” e “homossexualidade”, pois as considerava, acima de tudo, limitantes do ponto de vista sexual, isto é, para o escritor, o que havia de mais significativo, como vemos em *Aqueles dois*, não eram os nomes dados à relação entre Raul e Saul, e sim aquilo que fazia de um o que faltava no outro e vice-versa.

Separated bodies, affections in coalition: the homoerotic inventory and the spoils of perversion in the short story *Aqueles dois*, by Caio Fernando Abreu

Abstract

*Although homo-affective relationships constitute a legitimate expression of sex and sexuality, which followed the human itinerary up, ever since immemorial times, registering an ordinary bond in some of the structural civilizations of the Western world, it is notorious the regulatory and prejudiced conceptual framework which, often corrupts the plasticity of the sexual, in a way that the difference becomes into horror and contempt. It is remarkable that a huge part of our society nowadays, still predominantly imbued with a chaste look when contact with the other, conceives the homo-affective bonds as a threat to the welfare, moral and therefore, to their own normative settings, whose effects, in many cases, are extremely corrosive to subjectivities, which deteriorate until they can become physical and/or psychological violence. As literature bears, on its flanks, the dynamics of "civilizing" organizations, is common to observe, within its frameworks, the conflicts that merges within culture. In view of these findings, this present work undertakes a reflective effort, brought into light by psychoanalytic theory and profound psychology, about the restlessness and segregation configurations that bursts in the short story "*Aqueles dois*" ("*Those two*" in a direct translation into English), by a gaúcho writer called Caio Fernando Abreu, as a way of demonstrating the permanence, in our society, of exclusionary discursive practices, which, based on the belief of a compulsory heteronormativity, marginalize everything that escapes the stablished sexual rules, and inflicts on individuals who dare to love on the sidelines (and beyond it), stigmas of different natures, regarding to the restriction of rights, or in the degeneration of alterity and desire.*

Keywords: Literature; Homosexualities; Psychoanalysis; Caio Fernando Abreu

Referências

ABREU, C. F. A mais justa das saias. In: ABREU, C. F. **Pequenas epifanias**. São Paulo: Agir Singular, 2006.

ABREU, C. F. *Aqueles dois*. In: ABREU, C. F. **Morangos Mofados**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENATTI, A. R. “Um deserto de almas”: a aversão ao sentimento humano no conto *Aqueles Dois*, de Caio Fernando Abreu. **Revista Literatura em Debate**, v. 7, n. 12, p. 281-291, jul. 2013. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/847/1545>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BIZELLO, A. A. Caio Fernando Abreu e a ditadura militar no Brasil. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 1-11, jul./dez, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/viewFile/4824/2742>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BRANCAGLION JUNIOR, A. Homossexualismo no Antigo Egito. **MÉTIS: história & cultura**, v. 10, n. 20, p. 69-79, jul./dez., 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/1339/1074>. Acesso em: 11 fev. 2021.

BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da Mitologia**: (idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Trad. de David Jardim Júnior. 26. ed. – Rio de Janeiro, 2002.

DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia Antiga**. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

ESKRIDGE JR., W. N. A history of same-sex marriage. **Virginia Law Review**, v. 79, n. 7, 1993, pp. 1419-1513. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i244377>. Acesso em: 17 jul. 2022.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. Vol. VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Autobiografia. In: FREUD, S. **O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização, In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

JONES, E. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KRAFFT-EBING, R. **Psycopathia Sexualis**: as histórias de caso. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LINS, R. N. **O livro do Amor I**: Pré-história à Renascença. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013.

NAPHY, W. **Born to be gay**: história da homossexualidade. Portugal: Edições 70, 2006.

OHE, E. M. D. N. *et al.* Sarcoma de Kaposi clássico fatal. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, 2010, p. 375-379. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abd/a/XhgPtdGC9s3khpYVHLVzdKH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PUGET, J.; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

AUTOR. **Literatura e Violência**: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SOARES, L. C. Homoerotismo e homossexualismo, a historicidade de um conceito. **Articiencia.com**, São Paulo, V.7, p. 1-17, 2007-2008. Disponível em: <http://www.artciencia.com/Admin/Ficheiros/LENINSOA379.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

SUTIL, F. M. Guarujá: perspectivas para o público LGBT. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico**, 4. ed., jan/jun., 2011. Disponível em: http://www.faculdaadedondomenico.edu.br/novo/revista_don/artigo4_ed4.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

VECCHIATTI, P. R. I. **Manual da Homoafetividade**. São Paulo: Método, 2008.

VRISSIMTZIS, N. A. Pederastia. In: VRISSIMTZIS, N. A. **Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2002. p. 100–114.